**INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS CORPOS E A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA**

**Introdução**: A função da camisa de força é de se conter o paciente até que o seu surto cesse, sendo utilizada nos pacientes mais violentos. Hoje, não se utilizam mais as camisas de força devido à reforma psiquiátrica brasileira, mas continuam utilizando os muros das instituições como forma de conter e afastar esses indivíduos. Esta ação revela como a nossa sociedade tende a institucionalizar aqueles corpos que estão fora do seu padrão de normalidade, agindo com uma lógica higienista daqueles que são tidos como anormais. **Objetivo**: Refletir sobre o processo de institucionalização dos corpos em saúde mental. **Metodologia**: A metodologia empregada neste trabalho foi a revisão narrativa da literatura. A coleta de trabalhos foi realizada nas bases de dados virtuais SciELO e PePsic, sendo incluídos ao todo 3 (três) artigos para compor essa revisão. **Resultados**: Até ocorrer a reforma psiquiátrica brasileira, os corpos considerados não produtivos para a sociedade eram trancados em hospitais psiquiátricos e negligenciados pelo Estado. Muitas dessas pessoas não possuíam diagnóstico de loucura; eram apenas moradores de rua, mulheres divorciadas, profissionais do sexo, homossexuais, etc. Dessa forma, esses hospitais funcionavam como depósitos de seres humanos, onde aqueles que não se encaixavam no padrão eram jogados. Um agente do processo de intensificação dos diagnósticos de transtornos mentais tem sido o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), utilizado para realizar diagnósticos psiquiátricos e classificar comportamentos desviantes, sendo essa classificação ampliada em cada edição. Uma grande problemática desse manual é que ele cada vez mais fabrica doenças mentais, aumentando assim a quantidade de pessoas consideradas doentes e o consumo de psicofármacos. É muito importante pensar em quem a sociedade rotula como louco ou anormal, e onde ela deseja inserir e cuidar dessas pessoas. **Conclusão**: Portanto, é necessário lembrar que essas práticas caminham de mãos dadas com a ideia de controle social desses corpos em sofrimento e retiradas de autonomia desses sujeitos. Canguilhem aponta que o doente não é anormal por ausência de norma, e sim por incapacidade de ser normativo. Dessa forma, é necessário reconhecermos que as diferenças existem e conviver com elas sem ter que excluir pois trancar não é prática de cuidado e isso vale para todo e qualquer sujeito que está em sofrimento psíquico.

**Palavras-chave**: Saúde Mental. Transtornos Mentais. Psicologia.